

Exmo. Senhor
Dr. José Silvano
Discussão Pública da Proposta de
Criação do Parque Natural e Regional do
Vale do Tua
Sede da Associação de Municípios da
Terra Quente Transmontana
Rua Fundação Calouste Gulbenkian
5370-340 Mirandela

Data: 2013-09-16

N/ref: 2013/03/LF

Assunto: Parecer sobre a proposta de criação do Parque Natural Regional do Vale do Tua

A Plataforma Salvar o Tua e as associações signatárias vêm apresentar a sua posição na fase de discussão pública sobre a proposta de criação do Parque Natural Regional do Vale do Tua.

Após análise atenta de todos os documentos disponibilizados nesta consulta pública, a Plataforma Salvar o Tua – Associação de Defesa do Ambiente considera que A Agência de Desenvolvimento Regional do Vale do Tua – ADRVT vem apresentar uma proposta de criação do Parque Natural Regional ao Director do Fundo de Conservação da Natureza e Biodiversidade (ICNF), apenas para tentar operacionalizar a gestão de contributos financeiros consignados na Declaração de Impacte Ambiental do Aproveitamento Hidroeléctrico de Foz-Tua promovido pela EDP.

Decorrida a análise dos documentos disponibilizados pela Agência de Desenvolvimento Regional do Vale do Tua, a Plataforma Salvar o Tua confirma o próprio Documento Síntese, “Projecto-Base de Construção, instalação e gestão do Parque Natural Regional do Vale do Tua”, que reconhece a grande importância do Vale do Tua em termos de valores ambientais singulares, o que já era conhecido, em grande parte, no próprio Estudo de Impacte Ambiental do Aproveitamento Hidroeléctrico de Foz-Tua.

A Plataforma considera que os documentos apresentados reforçam a informação sobre o elevado valor conservacionista do Vale do Tua, o que desde sempre as suas associações signatárias o afirmaram, pelo que todo o vale deveria ser protegido pelas autoridades nacionais e mesmo internacionais, e não apenas a zona envolvente à albufeira de Foz-Tua.

Citando a documentação; “a fauna da região envolvente do Vale do Tua é numerosa e diversificada. Até ao momento foram já identificadas 943 espécies, sendo 744 de invertebrados terrestres, 15 de entre as plantas mais importantes na composição e dinâmica da paisagem”. Pelo menos “12 de anfíbios, 20 de répteis, 123 de aves e 29 de mamíferos, das quais 14 são quirópteros (...) e um número indeterminado de espécies de invertebrados”.

Continua ainda a afirmar o perigo que estas espécies correm com a enchente da albufeira, como é exemplo o caso da presença do lobo (*Canis lupus*), espécie protegida por legislação própria, foi registada por Pimenta et al. (2005) (volume B pagina79), que identificaram duas possíveis alcateias activas na região envolvente do Vale do Tua. Estas alcateias, devido às características actuais do rio, conseguem facilmente atravessar as margens. Com a construção da barragem a albufeira tornará difícil a mobilidade para estas alcateias e será um entrave para todas as espécies de mamíferos que a utilizam como corredor ecológico.

Em termos biogeográficos, apesar da distribuição de muitas espécies ser ainda pouco conhecida, é de referir a presença de um aparente endemismo lusitano (o lepidóptero, *Symmoca revoluta*), bem como de seis espécies novas para a Península Ibérica de lepidópteros e de 17 espécies novas para Portugal” (Profico Ambiente 2006; Corley et al. 2007, 2008, 2009, 2011; Bio3 2011).

Quanto às espécies de aves ameaçadas de extinção, “A águia de Bonelli e o chasco-preto, ambas espécies ameaçada” estão presentes no “vale do Tua o que parece representar o limite oeste da distribuição da espécie a norte do Douro (Profico Ambiente 2009b), contando com dois territórios actualmente ocupados (Padrão-Safres-S. Mamede de Riba Tua e Serra de Valverde). Um dos ninhos fica na área inundada contribuindo para a regressão desta espécie ameaçada.

Quanto ao chasco-preto foi, até ao momento, apenas detectado numa estreita faixa de habitat favorável (sobretudo vinhas tradicionais em socacos) junto à foz do Tua, quer na margem esquerda, quer na margem direita.” Ou seja também em área prevista a inundar.

Nos mamíferos “O número de espécies confirmadas para a região é consideravelmente elevado quando comparado com outros estudos desenvolvidos em território nacional” (e.g., Gonçalves, 2006; Simões, 2009; Guilherme, 2010; Anexo B pag60). Aparece ainda o rato da cabreira e a toupeira-de-água” (pag. 60) “surge como a espécie mais valorada no conjunto dos mamíferos (pag6). Com efeito, para além do seu grau de ameaça (categoria VU a nível nacional e internacional, integração nos Anexos B-II e B-IV da Directiva Europeia dos Habitats), esta espécie é bastante rara no vale do Tua, e será das mais afectadas pela albufeira, já que se prevê a perda irreversível de conectividade entre os vários núcleos populacionais identificados no rio e em vários afluentes, o que torna urgente a sua protecção a nível local. Que integram os Anexos B-II e B-IV da Directiva europeia dos Habitats, e o Anexo B-II da Convenção de Berna. Na mesma protecção aparece ainda o musaranho-de-dentes-brancos (*Crocidura russula*), o musaranho-de-dentes-brancos-pequeno (*C. suaveolens*) e o leirão são incluídas no Anexo III da referida Convenção. Pag60.

Em relação aos quirópteros (morcegos) encontram-se representados pela ocorrência confirmada de 14 espécies, “significa 56% das 25 espécies que ocorrem em Portugal Continental” o que poderá “ser muito mais”, todas estão “entre os quais se inclui uma espécie com o estatuto de “ criticamente em Perigo”” e serão inundadas pois os seus principais habitats são as escarpas e os túneis ferroviários.

Ainda é de destacar que das 14 espécies incluídas nos "complexos específicos" detectados contam com duas espécies " criticamente Ameaçadas" (CR) em Portugal – morcego-de-ferradura-mourisco (*Rhinolophus mehelyi*) e morcego-rato-pequeno (*Myotis blythii*) “.Todas as espécies mencionadas encontram-se ao abrigo

dos Anexos B-II e/ou B-IV da Diretiva Habitats e do Anexo II da Convenção de Berna.” Estas espécies raras “concentram-se num número reduzido de abrigos, alguns dos quais irão ser submersos” pagina8.

O troço terminal do rio Tua é uma das áreas mais interessantes em Portugal Continental, em termos da sua flora e vegetação, devidamente enquadrada numa paisagem deslumbrante. O vale do rio Tua possui algumas das formações vegetais mais interessantes da Terra Quente e que apenas se encontram com a mesma abundância no rio Sabor, já que o curso do Douro se encontra muito alterado. Entre essas formações podemos citar os maciços de buxo (*Buxus sempervirens*) os bosques com zelha (*Acer monspessulanum*) e os sobreirais” (*Quercus suber*) árvore protegida recentemente designada como símbolo nacional e que representa um dos sustentos económicos da região.

O Vale do Tua é um refúgio natural de flora, extremamente necessário e útil para manter a dinâmica florística Mediterrânico-Occidental, nomeadamente para a conservação dos habitats raros e dos endemismos ibéricos. Tais repercussões sobre a flora, associada aos impactes cumulativos com outros empreendimentos não foram devidamente avaliadas em nenhum Estudo de Impacte Ambiental, apesar da sua importância. A criação de um Parque Natural Regional não resolverá qualquer problema, pois grande parte do germoplasma do leito do Vale do Tua será literalmente dizimado, sendo que aquele que venha a ser resgatado passará a formar parte do grupo das curiosidades de circo que, infelizmente, haverão de desaparecer devido à irresponsabilidade dos governantes.

“ No entanto, são as singularidades florísticas que tornam este vale único” (pag 45) ora com esta constatação retirada do estudo promovido pela ADRVT. Então qual a lógica de um Parque Natural Regional?

O custo para implementação da estrutura envolve montantes demasiado elevados, destacando-se que os gestores, no ano actual em que este estudo está a ser colocado sob consulta, irão receber a quantia de 47600 €, para além dos 96.380€ para 5 técnicos e aluguer de um carro, telemóveis, internet, faxes, ajudas de custo...

Os argumentos apresentados justificariam a criação de Parque Natural de âmbito Nacional, no âmbito do qual a prioridade fossem as pessoas, a cultura e a conservação da natureza e da paisagem do Vale do Tua, sem barragens.

A Plataforma Salvar o Tua considera que só faz sentido a criação de um Parque Natural Regional no Vale do Tua se as áreas mais importantes do Vale do Tua não forem destruídas pela construção e enchimento da albufeira da barragem de Foz-Tua. Pretender assumir como medida de compensação a criação de um parque natural nas encostas envolventes ao Vale do Tua, para justificar os elevados impactes da construção da barragem em Foz-Tua que é um farsa e que não dignifica os promotores.

A Plataforma Salvar o Tua acredita que um Parque Natural Regional no Vale do Tua, sem regulamentação específica para conservação dos habitats existentes, serve apenas para manutenção de interesses da Agência de Desenvolvimento Regional do Vale do Tua e da EDP.

Certos do V. interesse e abertura para discutir esta matéria, subscrevemo-nos com a mais elevada consideração,

Lisboa, 16 de Setembro de 2013

Luís Ferreira
Presidente da Plataforma Salvar o Tua

A Plataforma Salvar o Tua é uma associação de defesa do ambiente constituída na sua fundação por nove associações ambientais e por uma quinta de produção vinícola da região. As associações participantes são:

- **GEOTA** – GRUPO DE ESTUDOS DE ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO E AMBIENTE
- **LPN** – LIGA PARA A PROTEÇÃO DA NATUREZA
- **SPEA** – SOCIEDADE PORTUGUESA PARA O ESTUDO DAS AVES
- **QUERCUS** – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA
- **COAGRET** – COORDENADORA DE AFECTADOS PELAS GRANDES BARRAGENS E TRANSVAZES
- **AAVT** – ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO VALE DO TUA
- **ALDEIA** – ACÇÃO, LIBERDADE, DESENVOLVIMENTO, EDUCAÇÃO, INVESTIGAÇÃO, AMBIENTE
- **FAPAS** – FUNDO PARA A PROTEÇÃO DOS ANIMAIS SELVAGENS
- **GAIA** – GRUPO DE ACÇÃO E INTERVENÇÃO AMBIENTAL
- **QUINTA DAS MURÇAS**